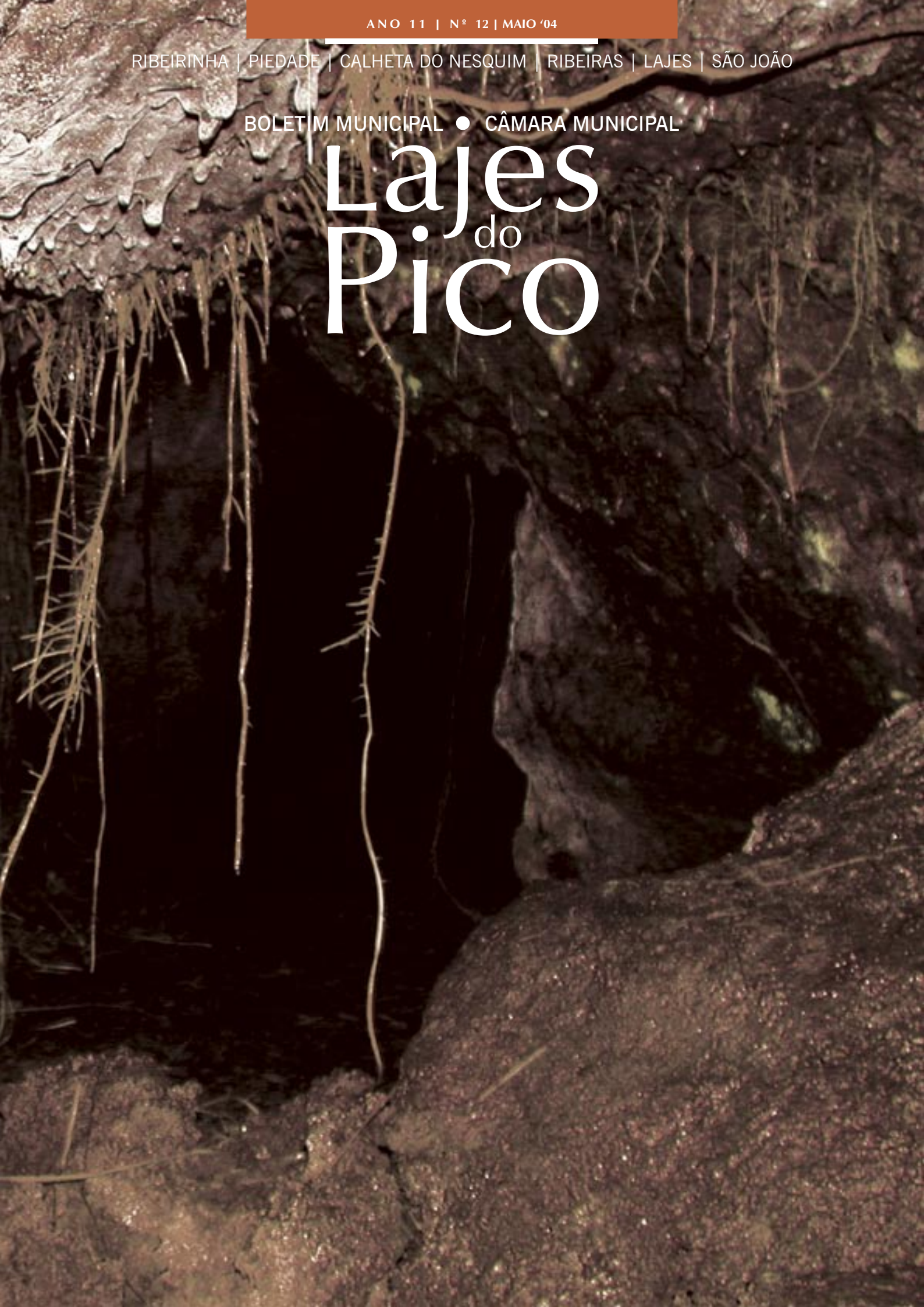


BOLETIM MUNICIPAL • CÂMARA MUNICIPAL

Lajes do PICO



Sumário



BOLETIM MUNICIPAL

Ano 11 - Nº 12, Maio de 2004

Edição e propriedade

Câmara Municipal das Lajes do Pico
9930-135 LAJES DO PICO
Tel: 292 679 700
Fax: 292 679 710
E-mail: cmlpico@mail.telepac.pt

Directora

Sara Santos
Presidente da Câmara Municipal das Lajes do Pico

Coordenação

Carlos Alberto Machado

Colaboração

Inês Dias

Secretariado

Judite Simas Castro

Fotografia

Adélio Pereira
Carlos Alberto Machado
GESPEA
Jorge Menezes
Lúcia Vasconcelos
Padre Paulo Areias
Paulino Costa
Paulo Nuno Silva

Concepção gráfica e paginação

Milideias - Comunicação Visual, Lda
Évora | Tel: 266 757 600

Impressão e acabamentos

Nova Gráfica
Ponta Delgada | Tel: 296 302 140

Agradecemos a colaboração do *Jornal O Dever*.

Tiragem

750 exemplares

Depósito legal

151.663/00

O *Boletim Municipal* publica-se mensalmente.

Agradecemos o envio de informações até ao dia 15 de cada mês.

CORREIO DOS LEITORES: sugestões, críticas e colaborações podem ser entregues via CTT, por e-mail, para cmlpico@mail.telepac.pt, ou pessoalmente no Gabinete da Presidência. Só se publica correspondência devidamente identificada.

3 Editorial:
Do Pico, nem por carta nem por escrito

4 503 anos

4 Simpósio internacional
5 Energias alternativas

6 Baleia de Marfim

8 Não estamos sós

8 25 anos da Juventude em Acção
8 Novos coretos
9 Educação ambiental
9 Arraiolos na Calheta de Nesquim
9 20 anos da Casa do Povo das Ribeiras
9 8º aniversário da ADJ
9 Dia Internacional dos Museus

10 Espírito Santo

11 Livros e Leituras:
Saudades do Deserto



Foto da capa: GESPEA – Grupo para o Estudo do Património Espeleológico dos Açores



Do Pico, nem por carta nem por escrito

Quando, por um tempo relativamente prolongado, nos acontece ficar longe da nossa casa, dos nossos familiares, dos nossos amigos, damos por nós a pensar, ou melhor dizendo, a sentir, quem somos, isto é, porque somos nós o que somos e nos faz sentir diferentes dos outros – nem melhores, nem piores: diferentes, apenas. Acontece, por exemplo, com os nossos estudantes no exterior: alguns adaptam-se aos seus novos locais de residência e chegam mesmo a sentir-se enfiados pela imagem da ilha que está longe – mas que não deixa de ser a sua casa, nas férias, onde buscam os suplementos de alma de que precisam; outros não se adaptam, continuam a sentir-se estranhamente diferentes e persistem na saudade – e na ânsia de regressar.

Quase todos nós já sentimos o que é ser diferente num mundo que, definitivamente, não é o nosso – quando escutamos certas piadas supostamente associadas à nossa terra, até em alguns ditados populares, no fundo, em certos preconceitos. Curiosamente, contudo, alguns desses lugares comuns sempre me pareceram mais lisonjeiros do que depreciativos. E alguns servem que nem uma luva aos picarotos.

Alguém que no ano passado visitava o nosso concelho perguntou a uma senhora, que arrumava na atafona as batatas recém-apanhadas, se podia fotografá-la. A senhora, à boa maneira do Pico, respondeu: *Pode, sim, isto p'ra nós é trabalho, para si é cultura...*

Quando conversamos com alguém que está a trabalhar a terra com a convicção de que sabe que faz melhor do que ninguém o seu trabalho, apercebemo-nos do seu sorriso, como se interiormente se interrogasse: *o que é que me querem ensinar agora?* Mas não deixam de ouvir – e de admitir que outros sabem outras coisas que eles não sabem. Depois

decidem se vão, ou não, deixar-se convencer.

É interessante perceber como nos vêem os outros e o que pensam da nossa terra. Mas o mais importante é saber ouvir e aprender com eles. É esta sabedoria uma das características distintivas dos homens e das mulheres do Pico – a nossa diferença.

Não sei se ainda há muitos assim. Gosto de pensar que sim.

PARA O BEM DE TODOS

Em cada dia que passa, em cada momento que acrescentado a outros faz a nossa vida, divido-me entre a certeza e a dúvida. Certeza, porque sei que aquilo faço é comandado por um desejo de serviço em prol de todos; dúvida, porque também sei que ninguém isoladamente se pode substituir à colectividade. Por isso, vejo tantas vezes o futuro a desenhar-se à minha frente; mas, em certos momentos, sinto o futuro um pouco mais longe do que desejaria – para o bem de todos.

Coisa de somenos importância, pensarão alguns. Coisa que não é do foro da política musculada, pensarão outros (ou os mesmos...). Não sei. A minha certeza, porém, a minha convicção, é de que os tempos que correm não se compadecem com desistências ou com fraquezas. E nessa batalha aqui estou, e estarei, de corpo inteiro – para o bem de todos. ¶

Sara Santos

Presidente da Câmara Municipal das Lajes do Pico



503 anos

A passagem dos 503 anos do Município das Lajes foi assinalada no dia 14 com duas iniciativas culturais: no Convento de S Francisco, ao final da tarde, foi inaugurada uma exposição de fotografia de Michael Bry intitulada *Itinerâncias do Olhar - Sete Suites Fotográficas* - pode

ainda ser vista até ao dia 10 de Junho. À noite, no Centro Social Cultural e Recreativo da Silveira, o Grupo de Teatro O Carrocel, da Horta, apresentou o espectáculo *O Diabo a Quatro*, com texto e encenação de Sérgio Luís Paixão e interpretações de Carla Capela, Manuel Aguiar, Teresa Barradas e Victor Rui Soares.

A exposição de Michael Bry foi inicialmente organizada pela Casa da Cerca - Centro de Arte Contemporânea, de Almada, onde foi visitada entre Setembro e Novembro de 2003. Esteve depois no Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo, entre Dezembro de 2003 e Janeiro deste ano, de onde veio directamente para as Lajes.

Michael Bry nasceu em 1924, na Alemanha. Com apenas 14 anos, em pleno nazismo, saiu da sua pátria e começou a ver o mundo. Chile, primeiro, e depois EUA, México, Espanha e Portugal, onde actualmente vive. Em todos estes locais, fotografou e expôs o seu trabalho. Vários livros e revistas registam

SIMPÓSIO INTERNACIONAL

Entre os dias 12 e 18 teve lugar na Madalena o *XI Simpósio Internacional de Vulcanoespeleologia*, organizado pela Secretaria Regional do Ambiente e pelo Grupo para o Estudo do Património Espeleológico dos Açores (GESPEA). Participaram neste importante encontro especialistas de Portugal, EUA, Itália, Alemanha, Holanda, Reino Unido, Áustria, Austrália, França e Islândia. O diversificado programa científico incluiu visitas de trabalho a grutas, como a do Soldão, na Silveira. ¶





igualmente o seu particular modo de olhar o mundo e o interpretar à sua maneira, muito peculiar: Já me perguntei, com alguma frequência, se não deveria ter mais consciência social e respondi a mim mesmo que o mundo não precisa das minhas imagens de actualidades. Se precisa de mim de alguma maneira, é naquilo que faço melhor. Nestes dias tem andado por aqui de máquina a tiracolo. Talvez dentro em pouco saibamos como viu ele o nosso mundo. Da maneira que melhor sabe fazer. A sua.

O espectáculo apresentado pelo Grupo de Teatro O Carrocel procurou, como nos diz Víctor Rui Dóres, *lançar, à sua maneira, um olhar crítico sobre o nosso mundo na era da Internet, da globalização e da economia de mercado, um mundo que gira sob o signo da americanização, num tempo marcado por uma aflitiva ausência de valores, referências, princípios e ideologias. Com um aviso à navegação: não é nossa intenção brincar com coisas sérias, dizemos é coisas sérias a brincar...* ¶

ENERGIAS ALTERNATIVAS

A Presidente da Câmara, Sara Santos, recebeu a visita do Presidente da Empresa de Electricidade dos Açores, Professor Monteiro da Silva. A sua conversa incidiu essencialmente sobre a possibilidade de uma parceria EDA/CMLP com vista à implementação de um projecto de energias alternativas, em particular pelo aproveitamento hidroeléctrico da Lagoa do Paúl. A concretizar-se, este importante projecto de utilização de energias renováveis possibilitará um melhor aproveitamento dos nossos recursos naturais e a conseqüente redução de impactos ambientais negativos. Está a ser elaborado o estudo prévio com vista à sua viabilização. ¶





Érica Dinis Jorge



Daniela de Jesus Dutra



Sancha Nair Azevedo

Baleia de Marfim

O Salão da Ribeira do Meio recebeu no dia 15 a 6ª edição do *Festival da Canção Infantil Baleia de Marfim*, iniciativa organizada pela Associação Cultural Terra Baleeira, com o apoio da Câmara. O Prémio de Melhor Canção foi atribuído a *Jardim de Papel*, interpretada pela menina Érica Dinis Jorge, com letra e música de Sérgio Luís Paixão e orquestração de Madalena Soares, canção que foi igualmente distinguida com o Prémio de Melhor Música. Os Prémios de 2º e 3º lugares para Melhor Canção foram atribuídos, respectivamente, a *Flor sem Nome*, interpretada pela menina Daniela de Jesus Dutra, com letra e música de Sérgio Paixão e orquestração de Floriberto Ferreira, e *Histórias Encantadas*, interpretada pela menina Sancha Nair

Azevedo, com letra e música de Cinira Azevedo e orquestração de Floriberto Ferreira. A canção *Histórias Encantadas* recebeu também o Prémio de Melhor Letra. O Prémio de Melhor Interpretação foi atribuído a Daniela de Jesus Dutra, com a canção que também se classificou em segundo lugar, *Flor sem Nome*. O Júri que apreciou as obras e decidiu a atribuição dos prémios foi constituído por representantes das Câmaras Municipais de S. Roque (Telma Rosa), Madalena (Maria de Lurdes Silva), Povoação (Gualberto Bento) e Vila Franca do Campo (José Roberto Ventura), pelo poeta e professor Carlos Bessa, pela professora de música e animadora cultural Natália Cañamero de Matos e pela jovem Joana Vieira, participante em anteriores edições do Festival. A apresentação esteve a cargo do animador televisivo José Figueiras, uma prestação bem-humorada e de grande nível profissional que muito contribuiu para o excelente ritmo do espectáculo.

O público que encheu o recinto e aplaudiu com entusiasmo as crianças participantes foi também presenteado com uma actuação inesquecível do grupo de novo circo Trupilariente. Os seus cinco actores/artistas de circo puseram ao rubro miúdos e graúdos com a apresentação de *Ozamiz, O Grande Mágico*. O seu *Maior Espectáculo do Mundo* fez suceder em ritmo frenético números de malabares, monociclo, cascada, acrobacia e magia, sem deixar de brincar com o fogo!

Uma noite inesquecível em que todos estão de parabéns. ¶

Letra da canção vencedora, *Jardim de Papel*, da autoria de Sérgio Luís Paixão

Eu inventei um jardim
Um jardim original,
É todo feito em papel
Um papel bem especial...

Este jardim não tem flores
Tem palavras a florir,
Palavras lindas e doces
Que me ajudam a sorrir...

Coro:

**Escrevo Paz e Alegria
Estrela, Nuvem e Floresta
Escrevo Sol e Poesia
Girassol, Sorriso e Festa.**

Escrevo Sonho e Harmonia
Primavera e Bondade
Escrevo Beijo e Amor
Mar, Abraço e Amizade

No meu jardim as palavras
São tiradas do dia-a-dia,
Depois florescem felizes
Num papel de fantasia...

Eu trato bem das palavras
Com carinho e afeição,
Um dia vão dar seus frutos
Dentro do meu coração...



PRÉMIOS

Melhor Letra

Histórias Encantadas

Interpretação: Sancha Nair Azevedo

Letra: Cinira Azevedo

Música: Cinira Azevedo

Orquestração: Floriberto Ferreira

Melhor Música

Jardim de Papel

Interpretação: Érica Dinis Jorge

Letra: Sérgio Luís Paixão

Música: Sérgio Luís Paixão

Orquestração: Madalena Soares

Melhor Interpretação

Flor sem Nome

Interpretação: Daniela de Jesus Dutra

Letra: Sérgio Luís Paixão

Música: Sérgio Luís Paixão

Orquestração: Floriberto Ferreira

Melhor Canção

1ª - *Jardim de Papel*

Interpretação: Érica Dinis Jorge

Letra: Sérgio Luís Paixão

Música: Sérgio Luís Paixão

Orquestração: Madalena Soares

2ª - *Flor sem Nome*

Interpretação: Daniela de Jesus Dutra

Letra: Sérgio Luís Paixão

Música: Sérgio Luís Paixão

Orquestração: Floriberto Ferreira

3ª - *Histórias Encantadas*

Interpretação: Sancha Nair Azevedo

Letra: Cinira Azevedo

Música: Cinira Azevedo

Orquestração: Floriberto Ferreira

A nossa Vila recebeu entre os dias 5 e 8 a *III Bienal das Baleias dos Açores*. Numa próxima edição daremos conta das comunicações apresentadas, ilustradas com fotografias do Concurso organizado nesse âmbito. Neste número registamos a intervenção de boas-vindas da Presidente do Município, Sara Santos.

Não estamos sós

Sejam bem-vindos à nossa Vila Baleeira. Durante décadas a baleia foi um modo de vida desta ilha. No mar e em terra, a baleia foi nesses duros anos fonte de alimento e de esperança, mas também de angústia e de morte. Nas horas felizes da sua caça, mas também quando a sua ausência doía, o que há de melhor e de pior em cada um de nós revelou-se. Como numa batalha, teve os seus homens mesquinhos, mas teve também, e sobretudo, he-

róis, aqueles que souberam, sabe-se lá com a ajuda de quem, erguer-se acima da comum condição humana.

A realidade e a lenda uniram-se e delas nasceram os nossos mitos baleeiros. E, como todos os mitos, levam-nos, sempre que disso necessitamos, a reforçar a nossa memória comum, a nossa identidade.

Ainda hoje é assim.

O que a todos junta hoje aqui é também uma forma de celebrar a tradição. Mas é também, e fundamentalmente, uma forma de a renovar.

A baleia atrai-nos agora de modos diferentes.

A biologia e os comportamentos dos grandes cetáceos, os mares que os acolhem, o seu posicionamento relativo na malha ecológica oceânica. Mas também: as suas potencialidades

25 ANOS DA JUVENTUDE EM ACÇÃO



O Grupo de Jovens da Silveira Juventude em Acção comemorou as suas Bodas de Prata no dia 22, na Igreja Paroquial de São Bartolomeu, na Silveira. A Eucaristia, celebrada pelo Padre Paulo Baptista, antigo elemento do Grupo, foi acompanhada por cânticos juvenis. A sessão contou com a presença de actuais e antigos membros e respectivas famílias, além de outros paroquianos. Foram oradores Helena Goulart, Presidente da Direcção, e Ilda Ávila, antigo elemento do

Grupo. A Oração dos Fiéis foi feita pela Fundadora do Grupo, Irmã Evangelina. No final foi benzida uma nova Bandeira. Após a Eucaristia, foi servido um jantar de Sopas do Espírito Santo a todos os presentes, no Centro Social, Cultural e Recreativo da Silveira. Antes, foi apresentado um pequeno espectáculo de teatro com a peça *Jovens com Maria*, da autoria de Helena Goulart e algumas canções, após o que se seguiram intervenções de Helena Goulart, da Presidente da Assembleia Geral, Ana Cardoso, e da Irmã Evangelina. ¶



NOVOS CORETOS

A Calheta de Nesquim e o Curral da Pedra (Piedade) têm novos coretos. Esta iniciativa da Câmara, em colaboração com as respectivas Juntas de Freguesia, vem contribuir para a criação de melhores condições de usufruto dos espaços de ar livre, em particular no que respeita à actuação dos vários agrupamentos musicais do concelho. Os projectos destes coretos, e da zona envolvente no Curral da Pedra, são da autoria de Rui Pinto, arquitecto colaborador do município. ¶



indutoras de turismo de lazer, cultural e científico, os estímulos à criação artística em toda a sua diversidade, ou, não menos importante, o seu papel na pedagogia da consciencialização ecológica. Temos um passado de que nos orgulhamos. Mas os nossos filhos não nos perdoarão se por imobilismo ele for razão de hipoteca do seu futuro. Por isso recusamos ficar parados. Aqueles por quem desejamos um futuro melhor, os nossos filhos, dizem-nos: não fiquem à espera. Exijam. Por isso, queridos amigos, espero deste encontro propostas para o futuro. Um, que tomem em consideração a terra e o mar que vos acolhem – não desejamos, não podemos, ser apenas um lugar de passagem; outras, que se enriqueçam em outros fóruns internacionais – para o bem futuro de todos. Por isto, por esta vontade de futuro, é muito bom ter-vos aqui a todos.

Termino, dirigindo-me em especial aos que não nasceram numa ilha. O mar, que tantos de nós gostam de contemplar nos bons e maus momentos das nossas vidas, diz-nos sempre: não estais sós. Talvez seja este o segredo de ser ilha: uma terra aberta rodeada de amigos por todos os lados. Não estamos sós. ¶



20 ANOS DA CASA DO POVO DAS RIBEIRAS

A Casa do Povo das Ribeiras comemorou no dia 1 o seu 20º aniversário com um jantar convívio. Nele se prestou homenagem ao seu Presidente destes 20 anos, engenheiro Roberto Madruga Soares. Preside agora à Direcção o Tenente-coronel Manuel Simas da Silveira. O convívio terminou com a actuação da Tuna, dirigida por Laurentina Simas Brum.

A Tuna gravou este ano um CD que será apresentado este Verão. Por outro lado, o grupo etnográfico desta Casa do Povo prepara para breve um projecto de recolha e dinamização de danças e bailados antigos. ¶

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

O projecto de abastecimento de água ao concelho foi apresentado aos alunos do Clube do Ambiente da Escola Básica 2-3/S, das Lajes do Pico, no dia 26. Esta iniciativa incluiu uma visita guiada a um furo, estação elevatória e reservatório na Silveira. ¶

ARRAIOLOS NA CALHETA DE NESQUIM

O Salão Polivalente da Calheta de Nesquim inaugurou no dia 8 uma exposição de Tapetes de Arraiolos. Esta iniciativa é a fase final de um Curso que decorreu entre Setembro do ano passado e Abril deste ano, com Lisete Maria Ávila Ferreira e Maria de Fátima Soares como formadoras. Nele participaram 20 formandos. ¶

8º ANIVERSÁRIO DA ADJ

A Associação Dinamizadora de Jovens (ADJ), fundada em 6 de Maio de 1996, nas Lajes do Pico, comemorou agora o seu 8º aniversário, no Salão Paroquial das Lajes. A sessão contou com as intervenções da sua Presidente, Conceição Tavares, e da Presidente da Câmara, Sara Santos, que encerrou a sessão. O convidado de honra foi o engenheiro Cláudio Lopes. ¶

DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS

Um concerto por Eulália Mendes (soprano), Grigori Spector (violino) e Ana Paula Andrade (piano) assinalou nas Lajes do Pico o Dia Internacional dos Museus (dia 18). No Auditório Municipal foram interpretadas peças de Serqueira e Rodrigues, F. Lacerda, Arr. R. Gnatalli, J. O. Ovalle, J. F. Leal, C. Machado, Ana Pala Andrade e Tartini. ¶

Fotografias de Lúcia de Vasconcelos



Espírito Santo

Disse-lhes, pois, Jesus, outra vez: Paz seja convosco; assim como o Pai me enviou, também eu vos envio a vós.

E, havendo dito isto, assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo.

O Santo Evangelho segundo S. João (20, 14-18, 21-22)

Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo?

E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento quotidiano, e se algum de vós lhe disser: Ide em paz, agantai-vos e fartai-vos, e se lhe não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí?

Assim, também, a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma.

Mas dirá alguém: Tu tens a fé, e eu tenho as obras; mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras.

Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta?

Bem vês que a fé cooperou com as suas obras, e que, pelas obras, a fé foi aperfeiçoada.

Vedes então que o homem é justificado pelas suas obras, e não somente pela fé.

Porque, assim como o corpo, sem o espírito, está morto, a fé, sem as obras, é morta.

Epístola do Apóstolo S. Tiago (2, 14-18, 20, 22, 24 e 26)



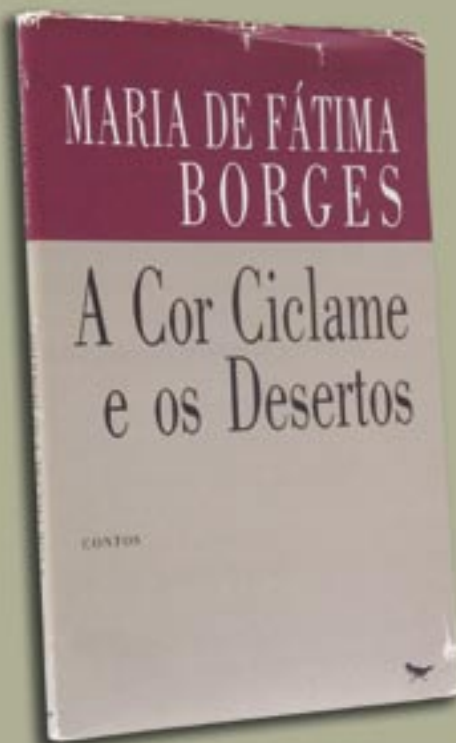
MARIA DE FÁTIMA BORGES, *A COR CICLAME E OS DESERTOS*
COTOVIA, 1989

Saudades do Deserto

O volume de contos *A Cor Ciclame e os Desertos* é, até ao momento, o único livro da autora açoriana Maria de Fátima Borges, que nos propõe uma série de personagens ferozmente individualistas e reivindicadoras da sua diferença. A sua atitude revela, antes de mais, uma maneira inconformista de estar no mundo, marcada por um desconforto e uma inquietação constantes, que encontram uma das manifestações mais reveladores no conto “Interiores”; aí o dia-a-dia pacato de um casal vê-se irremediavelmente perturbado pela

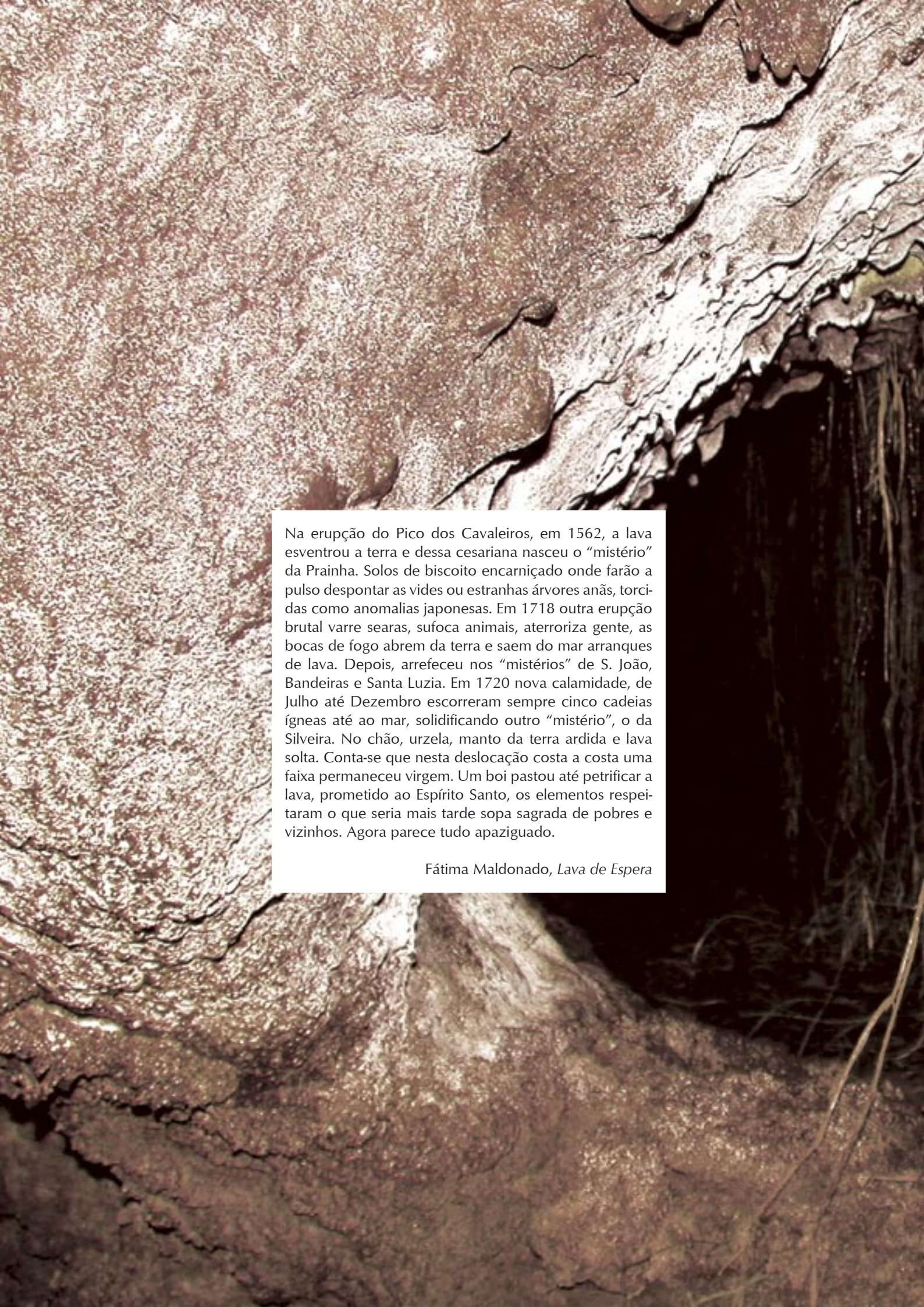
irrupção de um monstro no meio da sala, entre vapores de enxofre. É perante a constatação de que o jogo da vida implica uma dose (por vezes insuportável) de desencanto e perda que estas personagens se sentem compelidas a procurar um sentido capaz de devolver o mundo à frescura da sua criação – o mundo e cada ser humano, pois a busca passa sobretudo pela (re)descoberta de si próprio. Claro que este percurso obriga cada personagem a auto-segregar-se de uma sociedade indiferente e a refugiar-se na solidão, como a protagonista de “Limiares”, que abandona o casamento desfeito e a aldeia para ir viver numa tenda na colina. Não é, aliás, por acaso que todas as relações retratadas neste livro, nomeadamente as de carácter amoroso, se encontram condenadas ao fracasso. O outro funciona ocasionalmente como “um prolongamento de si, (...) onde pudesse passar a mão de vez em quando, em aveludando os dedos”(p. 41), mas uma rotina a dois pressupõe abdições e compromissos que chocam sempre com a missão de se explorar absolutamente a si próprio. Por isso mesmo, a ilha acaba por se impor como o espaço mais adequado a este isolamento voluntário, a esta concentração egoísta: “instalou-se em mim a urgência do abandono, a antropofagia sublimada na saudade de um deserto que apenas o meu olhar perscrutasse ou de um canto que apenas o meu corpo preenchesse. Pensei na ilha”(p. 55).

Em última análise, a procura de “uma terceira dimensão impossível de abranger inteiramente, espécie de epifania suspensa”(p. 52) parece nunca encontrar um fim. Conseguem-se apenas aproximações a esse ideal, momentos que devem muito à importância da dimensão estética no olhar



da autora sobre o mundo (manifesta também no extraordinário sentido plástico da sua escrita): “Eu exigia sempre, tal como agora, de resto, um pouco de beleza em tudo, mesmo numa merenda mal combinada na véspera, no à toa de um encontro de esquina com gente passando e levando consigo as abomináveis certezas do extermínio que dão pelo nome comum de urbanidade”(p. 9). Uma outra escritora, Agustina Bessa-Luís, escreveu que “a vida é como um manto em que se arrastam todas as fúrias e ternuras do mundo, e que deixa ficar por toda a parte alguma coisa do seu calor e do seu peso” (*O Manto*, 1961). No belíssimo *A cor ciclame e os desertos*, podemos aprender a sacudir o mundo rotineiro e descolorido de cima de nós, esse manto gasto de imposições alheias e desejos forçados, conservando apenas os farrapos portadores de memórias e de transcendência, com que se tecerá um possível recomeço: “Aí haverá talvez uma hipótese, uma espécie de porta através da qual se distinga a outra margem tremeluzente de um além indolor”(p. 64). ¶

Inês Dias



Na erupção do Pico dos Cavaleiros, em 1562, a lava esventrou a terra e dessa cesariana nasceu o “mistério” da Prainha. Solos de biscoito encarniçado onde farão a pulso despontar as vides ou estranhas árvores anãs, torcidas como anomalias japonesas. Em 1718 outra erupção brutal varre searas, sufoca animais, aterroriza gente, as bocas de fogo abrem da terra e saem do mar arranques de lava. Depois, arrefeceu nos “mistérios” de S. João, Bandeiras e Santa Luzia. Em 1720 nova calamidade, de Julho até Dezembro escorreram sempre cinco cadeias ígneas até ao mar, solidificando outro “mistério”, o da Silveira. No chão, urzela, manto da terra ardida e lava solta. Conta-se que nesta deslocação costa a costa uma faixa permaneceu virgem. Um boi pastou até petrificar a lava, prometido ao Espírito Santo, os elementos respeitaram o que seria mais tarde sopa sagrada de pobres e vizinhos. Agora parece tudo apaziguado.

Fátima Maldonado, *Lava de Espera*